

MOACYR SCLiar

A MAJESTADE DO XINGU



COMPANHIA DE BOLSO

Copyright © 1997 by Moacyr Scliar

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

Jeff Fisher

Revisão

Adriana Moretto

Diana Passy

Baseado em fatos e personagens históricos.

Esta é uma obra de ficção.

O autor agradece a Mariza Campos da Paz por subsídios históricos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Scliar, Moacyr

A majestade do Xingu / Moacyr Scliar. — São Paulo :
Companhia das Letras, 2009.

ISBN 978-85-359-1438-2

1. Ficção brasileira. I. Título.

09-02465

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

2009

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707 3500

Fax: (11) 3707 3501

www.companhiadasletras.com.br

ESTA NOITE, doutor, pensei muito no Noel Nutels. Aqui na UTI a gente dorme mal, e eu tenho sonhos estranhos, mas acordei lembrando, não sei por quê, uma história que me contaram, aquela história do Noel com os generais. O senhor conhece? Não conhece? Então lhe conto. O senhor tem jeito de quem gosta de ouvir histórias, e desta o senhor gostará. É triste, mas é engraçada. Como tudo, não é, doutor? Como tudo.

O Noel estava num hospital do Rio, morrendo de câncer. Isso foi em 1973, no começo de 1973. Ele não tinha sessenta anos ainda, e tudo o que ele queria era chegar aos sessenta anos, mas não, aos sessenta não chegaria, estava morrendo. Câncer, doutor. Na bexiga, parece. Coisa horrível — preciso lhe dizer? —, horrível, horrível. Tiveram de colocar uma sonda urinária... Horrível. Bem, mas então ele estava lá, morrendo. E aí uns generais, que tinham vindo ao hospital por causa de um colega doente, resolveram visitar o Noel. O motivo não sei ao certo. Talvez fossem amigos de Noel, tinha tantos amigos, inclusive entre os militares, muitos haviam trabalhado com ele e o admiravam; talvez achassem que a coisa pegaria bem — era a época da ditadura, visitar o Noel, que era uma figura tão respeitada, principalmente na esquerda, poderia repercutir bem na opinião pública.

Chegaram no quarto, bateram na porta e, como ninguém respondesse, foram entrando. Ali estava o Noel, deitado, olhos fechados, respiração estertorosa — morrendo. Os generais, consternados, não sabiam o que fazer. O que é que podem cinco generais fazer ao redor de um moribundo? Nada. Olhavam, simplesmente. E esperavam que alguma coisa acontecesse.

Aconteceu. De repente o Noel abriu os olhos. Abriu os olhos e olhou os militares. Os dois que estavam a oeste da cama, os dois que estavam a leste, o que estava ao sul — a norte não

havia general algum, faltava general para o norte, e mesmo que houvesse de nada adiantaria, ao norte a cama estava encostada na parede, nenhum espaço sobraria para um general, por magro que fosse; olhou todos, um por um, com aquele olhar debochado dele. Um dos generais perguntou como ele estava. E o Noel, que, mesmo morrendo, continuava o gozador de sempre, respondeu: estou como o Brasil, na merda e cercado de generais.

Na merda e cercado de generais. Não é o meu caso, doutor. Não estou na merda. Quer dizer: acho que não estou na merda. Não sei. O senhor me dirá. O senhor sabe quando um doente está na merda, o senhor foi treinado para isso. Estou na merda, doutor? Não? Não estou na merda? O senhor tem certeza? Na merda, não? Não estou? Que bom, doutor. Não estou na merda, que bom.

A menos que o senhor esteja mentindo. A menos que o senhor esteja pensando, esse coitado está na merda, mas eu não vou dizer que está na merda, porque aí é capaz de piorar, é capaz de afundar ainda mais na merda; sei, os médicos às vezes ocultam a verdade, doutor. Mas vou aceitar o que o senhor está me dizendo: não estou na merda. Diferente do Noel, não estou na merda. Agora: mesmo que o senhor esteja me enganando, mesmo que na verdade eu esteja na merda, cercado de generais não estou. Não há general algum aqui, há, doutor? Esses doentes que estão aqui na UTI — não são generais, são? Nem é o senhor general, é? Não, eu não estaria cercado de generais. Um cara insignificante como eu? Não. Nem generais, nem majores, nem sargentos, nem mesmo soldados. Generais? De jeito nenhum. Não que faça diferença: a esta altura da vida, estar cercado de generais, ou de doutores, ou de doentes, pouco importa. Tudo o que eu quero é ficar quieto, esperando que passe esta dor, esta dor no peito, o senhor não imagina o que é esta dor, nem o Noel, que era corajoso, aguentaria esta dor.

Noel Nutels, doutor. Noel Nutels.

O senhor nem sabe de quem estou falando. Vejo pela sua cara: o nome não lhe diz nada. Compreensível. O senhor ainda é muito jovem — aliás uma coisa que me assombra é que os médicos estão cada vez mais jovens; ou eu estou cada vez mais velho, não importa, o certo é que fui contemporâneo do Noel, o senhor não. O senhor não tem obrigação de saber quem foi Noel Nutels. E no entanto ele era famoso, doutor. Noel Nutels, o médico dos índios. Houve uma época em que era notícia de rádio, de jornal. Todos falavam em Noel Nutels. Com admiração. Com veneração, eu diria até. Eu recortava as notícias, os artigos, anotava as histórias que ouvia. Tenho toda a vida do Noel nessa pasta que está aí, em cima da mesinha. Foi a primeira coisa que pedi, quando me internaram aqui: por favor, liguem para a minha casa e peçam para a moça que trabalha lá a pasta azul com o nome de Noel Nutels. Esta pasta tem tudo, doutor — ninguém sabe do Noel tanto quanto eu. Ninguém falou do Noel tanto quanto eu. Fui — sou — um homem insignificante, nada fiz de importante, mas algumas pessoas ficaram sabendo do Noel graças a mim, e isso, se não justifica minha existência, pelo menos me consola. Ai que dor, doutor, que dor no peito, essa injeção que o senhor me deu não adiantou nada, preciso de alguma coisa mais forte. Ou então preciso falar, falar pelo menos me distrai, espero que distraia o senhor. O senhor tem jeito de quem gosta de ouvir histórias. De ouvir histórias e de contar histórias. Isso às vezes é coisa de família. Desculpe perguntar, mas seus familiares gostavam de contar histórias? Ah, sua mãe. Sua mãe gostava de contar histórias. Viu como adivinhei? O instinto não me engana, doutor. Todo o resto me engana, o instinto não.

Diga uma coisa, doutor. Depois que eu morrer — sim, sei que não vou morrer tão já, o senhor me garantiu, mas apenas para efeito de raciocínio —, depois que eu morrer o senhor vai escrever essas coisas que estou lhe contando? Ah, não vai? E por que está tomando notas? Ah, não tem nada a ver com o que estou dizendo? Mas o senhor não acha que é falta de educação

prestar atenção em outra coisa enquanto estou aqui, falando de mim, falando do Noel? Eu não tenho importância, doutor, mas o Noel, o Noel Nutels... Ele era muito importante, doutor. Muito, muito importante.

Ah, o senhor está prestando atenção. Está escrevendo, mas presta atenção. Bem, os jovens conseguem fazer isso, escrever e prestar atenção no que ouvem. E os jovens doutores, então, nem se fala. São capazes de ouvir o paciente, ler o prontuário, falar com a enfermeira e olhar o monitor, tudo ao mesmo tempo.

Não, não estou zangado. É que o Noel era importante, sabe, doutor? Por isso gostaria que o senhor escutasse o que tenho a lhe dizer sobre ele. Não é por mim, não. É pelo Noel. Não: é pelo senhor. O senhor deve ouvir a história do Noel, doutor. Acho que alguma coisa mudará no senhor depois que ouvir esta história.

Noel Nutels. Lembro como se fosse hoje o primeiro dia em que o vi, menino ainda. Foi no navio que nos trouxe para o Brasil, em 1921. Era um navio alemão, mas não tinha nome alemão, chamava-se *Madeira*, em homenagem à ilha portuguesa. Simbólica coincidência: de certa forma refazíamos a viagem dos navegadores portugueses, Cabral e os outros. Como eles, atravessaríamos o oceano, rumo ao Brasil; não numa precária caravela, mas também não num luxuoso transatlântico — longe disso. O senhor precisava ter visto o *Madeira*, doutor. A rigor, nem navio de passageiros era; tratava-se de um cargueiro adaptado para o transporte de emigrantes. No porão tinham instalado beliches, oitenta beliches triplos, quase nenhum espaço entre um e outro. Latrinas, quatro; pias, quatro, nem sempre com água. Era impossível ficar naquele porão, passávamos a noite lá, mas mal amanhecia subíamos para respirar um pouco de ar fresco. O senhor conhece aquele quadro do Lasar Segall, *Navio de emigrantes*? Aquele quadro que mostra pessoas amontoadas num convés, pessoas de olhar triste? Era exatamente aquilo. Nós estávamos emigrando, doutor. Melhor dito: estávamos fugindo. Fugindo da Rússia.

A Rússia. O senhor sabe que até hoje sonho com a Rússia? Pois sonho, sim. A Rússia, doutor... A Rússia a gente não esquece. Na Rússia tínhamos nascido, na Rússia vivíamos, muito mal, mas vivíamos. Nós éramos do sul, da Bessarábia, na fronteira com a Romênia. Quando eu nasci, aquilo era parte do grande império czarista. Aos judeus estavam reservadas certas regiões, das quais não saíam — a menos que fossem ricos, claro, o que não era o nosso caso. Morávamos numa pequena aldeia, num shtetl, como se dizia em iídiche. Iídiche, doutor: ninguém mais fala essa língua. Como os idiomas dos índios, logo estará esquecida. Não vem ao caso, muita coisa logo estará esquecida.

Como eu dizia, era uma aldeia bem pequena, a nossa, e de gente muito pobre: agricultores, artesãos, pequenos comerciantes. Meu pai, um sapateiro, ganhava muito pouco. Mal podia alimentar a família, que, comparada às outras — oito, nove filhos —, nem era grande, muito pelo contrário: eu só tinha uma irmã menor, Ana. Vivíamos numa casinha de madeira, sem conforto algum, sem nenhum tipo de aquecimento, no inverno a gente morria de frio. Comida escassa; às vezes até fome a gente passava. Era uma festa quando, na sexta-feira, tínhamos galinha para o jantar. Minha mãe fazia milagres para arranjar comida, para remendar as esfarrapadas roupas que usávamos. Uma lutadora, a mamãe. Não como a mãe de Noel, que foi revolucionária, que fez comícios em portas de fábricas; naqueles anos que antecederam a revolução de 1917 a agitação era grande, os militantes estavam por toda parte, mobilizando as massas nas portas das fábricas. Mas na nossa aldeia não existiam massas nem fábricas, e, mesmo que existissem massas ou fábricas, minha mãe não era de fazer comícios. Mulher, para ela, tinha de cuidar da família, sobretudo quando o chefe dessa família era um homem tão desligado como meu pai, um homem que ignorava as mazelas do cotidiano, que gostava mesmo era de bater sola e pensar na vida. A seu modo, papai era um filósofo. Consertar sapatos, dizia, parece uma coisa sem importância, mas não é: pelo sapato se conhece uma pessoa, o modo como essa pessoa vive. Pelo sapato se pode dizer se o dono caminha arrogante como

um ricaço ou humilde como um mendigo. Papai era o Spinoza dos sapatos. Spinoza, doutor. Ouviu falar? Spinoza. Grande filósofo. Li muita coisa dele.

Era um homem humilde, papai — mas tinha seus momentos de glória. A cada seis meses um homem vinha à nossa casa. Era um empregado de confiança do conde Alexei. Entrava sem bater, mal cumprimentava, e de imediato entregava a papai um grande embrulho: os sapatos do conde, de cujo conserto papai era encarregado. O conde tem pressa, dizia seco, e se ia.

O conde Alexei era o dono de tudo naquela região. Vivia no castelo, no alto da colina que dominava nossa aldeia. Possuía grandes extensões de terra, mas ou era um nobre arruinado — conde que se preza não manda consertar sapatos, joga fora — ou então era um homem muito econômico. De qualquer maneira, a chegada de seu empregado era para o meu pai motivo de felicidade. Ele tinha pelos sapatos do conde uma admiração que chegava às raias da reverência. Maravilhavam-no particularmente as botas de montar, feitas em Moscou; toca aqui, ele me dizia, sente a maciez deste couro, couro assim eu nunca vi, deve ser de algum animal raro, desses animais criados especialmente para que os nobres tenham calçados macios, esses animais que morrem felizes porque o couro arrancado a seu corpo protegerá do barro e da neve o pé de um conde russo. Uma vez o empregado trouxe botas novas, com um recado do conde: queria diminuir a altura dos canos, ricamente trabalhados. Papai não podia acreditar: mutilar aquela obra de arte? Mas ordens do conde ele não discutia; fez o que lhe tinha sido mandado, e foi uma de suas tarefas mais difíceis, mesmo porque o conde fora pouco claro. Papai não saberia dizer se a altura estava boa; ocorreu-lhe experimentar as botas, mas, apesar de calçar o mesmo número que o conde, jamais se atreveria a tal, a colocar seus pés judaicos nas botas de um nobre. Felizmente Alexei ficou satisfeito com o trabalho, como sempre ficava, e papai pôde enfim respirar. Permitiu-se uma pequena indenização: com as aparas de couro confeccionou duas minúsculas botas, que guardou como lembrança; estavam no lugar de honra da casa, em cima do armário da saleta.

Eram para ser admiradas, aquelas botas? Não por mim, doutor, não por mim. Em meus pesadelos aquelas malditas botas, aquelas botinhas, aquelas botículas, tinham dono, e esse dono não era o Pequeno Polegar, não era o Gato de Botas; era um cossaco, um pequenino e traiçoeiro cossaco que à noite saía de seu esconderijo, calçava as botas e galopava pela casa em torno montado num repelente ratão, rindo e debochando de nós. Dessas penosas fantasias eu não falava a ninguém. Guardava-as para mim. Sofria sozinho.

Nem todos partilhavam da admiração do meu pai pelo conde Alexei. O filho do carpinteiro, por exemplo, um adolescente magro e de olhar alucinado com quem eu conversava frequentemente, odiava o nobre, odiava todos os nobres, e os ricos, e os poderosos. Fazia-me perguntas inquietantes, o rapaz: por que alguns têm botas macias e outros andam descalços? Por que alguns moram em castelos e outros em choupanas? Eu não tinha resposta para tais questões e suspeitava que delas resultaria alguma confusão. Não deu outra: lá pelas tantas o rapaz fugiu de casa e se juntou aos revolucionários. O pai dele quase morreu de desgosto.

Ao meu pai eu não causaria desgosto. Eu não o interrogaria sobre pés bem calçados e pés descalços. Tal coisa só o aborreceria. Papai era grato ao conde, que não lhe pagava muito mas pagava pontualmente, ao contrário dos fregueses habituais, que pechinchavam e atrasavam. Que o conde tenha longa vida, dizia. Diferente do filho do alfaiate e de outros contestadores, que queriam ver os nobres enforcados, meu pai creditava ao conde os escassos momentos felizes de sua atribulada existência.

Papai era um homem sofrido. A morte de seu primogênito, falecido um mês antes de eu nascer, marcara-o fundo. E a mim também. Perseguia-me como um espectro, esse irmão morto. Muitas e muitas vezes fiquei a olhar a foto esmaecida que mostrava um menino magro, de cara comprida, olhar triste — o olhar mais triste que já vi, doutor. O olhar de quem sabia que ia

morrer. De que morreu? De tuberculose, claro. Era disso que a gente morria naquela época. Tuberculose; as pessoas emagreciam, tinham febre, tossiam, escarravam sangue. E um dia se iam. Nas tábuas da divisória do quarto em que dormíamos todos havia uma mancha escura, uma mancha que nunca foi limpa. Eu sabia que mancha era aquela; era o sangue seco do meu irmão, o sangue que tinha brotado a golfadas de seu pulmão na noite em que morreu. Para meus pais aquela mancha era uma espécie de relíquia — macabra relíquia, mas relíquia. A mim aterrorizava de tal forma que mal podia olhá-la. Tinha a forma de uma estranha criatura alada, a mancha, de uma mariposa grande, deformada; a qualquer momento se desprenderia da parede e viria me atacar.

Estaria mesmo morto, o meu irmão? Sim, havia um túmulo com o nome dele no pequeno cemitério da aldeia, e sob a terra um caixão, decerto já apodrecido, com ossos secos e alvos. Mas era o meu irmão, aquele frágil esqueleto? Ou era o meu irmão a presença invisível que eu sentia na casa? Era o sussurro do vento que eu ouvia, ou era ele me chamando? Eram as sombras das árvores que eu via nas vidraças, à noite — ou era o seu vulto? Ah, doutor, eu queria que meu irmão voltasse à vida, como eu queria que ele voltasse à vida, doutor. Olhava para um certo lugar no pátio e queria vê-lo ali, queria que invisíveis partículas se condensassem, que tomassem forma, que se materializassem na figura daquele irmão. Isso eu queria, e queria muito, era a coisa que eu mais queria; porque a meus pais, doutor, a meus pais fazia muito falta aquele menino de olhos tristes. Cada vez que falavam do filho morto choravam desconsoladamente. Pobre mamãe. Pobre papai. Pobre irmão. Pobres de nós, doutor. Pobres de nós. A morte era uma lembrança constante em nossa existência. Quando não era a doença, a tuberculose, era o pogrom.

O pogrom. Ao anoitecer, tropel de cavalos, gritos ferozes — logo estavam ali, aqueles demônios dos cossacos, bêbados, batendo nos homens, violentando as mulheres, queimando as

casas. O pogrom, doutor, era um massacre organizado, uma válvula de escape para as tensões do império. A colheita fracassava? Pogrom. A Rússia era derrotada numa aventura guerreira? Pogrom. O tzar se sentia ameaçado? Pogrom, pogrom, pogrom. Mesmo os que desaprovavam o pogrom — o civilizado conde Alexei era um deles — nada faziam para evitá-lo. Muitos habitantes da aldeia aceitavam resignados a violência: vinha de tanto tempo, aquilo, que já se constituía em fatalidade. Outros, porém, se revoltavam. Até quando os judeus continuariam a ser massacrados? Não estava na hora de dar um basta à perseguição? Não existiria no mundo um lugar em que a gente pudesse escapar daquele permanente terror?

Nós não tínhamos respostas para tais questões, mas havia quem as tivesse. Um dia um homem veio à nossa aldeia, um judeu de Kiev. Trabalhava para uma companhia de colonização agrícola, a Jewish Colonization Association, JCA ou ICA, fundada por filantropos judeus da outra metade da Europa, a Europa dos Rotschild, dos Montefiore. Estavam preocupados conosco, aqueles ricos financistas e empresários. Sabiam que a situação na Rússia era explosiva e que, como de costume, os judeus se constituiriam no bode expiatório do conflito. Queriam nos tirar de lá, levar-nos para outras terras — para a América do Sul, lugar promissor, onde tudo estava por fazer, onde grandes empreendimentos estavam em curso: o vice-presidente da ICA, Franz Philippon, era diretor da Companhia de Estradas de Ferro da Argentina e do Rio Grande do Sul. Ao longo da ferrovia grandes extensões de terra estavam sendo adquiridas e ali poderíamos começar nova vida, como nova vida tinham começado os colonos alemães e italianos.

O homem de Kiev, bem vestido — até cartola usava — e bem falante, reuniu-nos na sinagoga, explicou-nos essas coisas e depois distribuiu panfletos coloridos em cuja capa havia um desenho que ficou gravado em minha memória. Sob um céu esplendorosamente azul um homem trabalhava a terra com uma enxada. Ao fundo, árvores — laranjeiras. E aí vem o detalhe que mais nos impressionou. O chão estava juncado de laranjas, dou-

tor. Aparentemente, ninguém se dava ao trabalho de apanhá-las; tanto que estavam sendo comidas por uns porquinhos que andavam por ali. O senhor há de perguntar o que faziam porquinhos num panfleto distribuído a judeus, mas não era aquilo que importava, o que importava, o que nos encantava, era a abundância de laranjas; laranja na Rússia era coisa rara, importada não sei de onde; vinha enrolada em papel de seda e quando a gente — por acaso, só por acaso — conseguia uma laranja, ela era dividida, um gomo para cada pessoa. Mas naquele lugar, o Brasil, havia laranja à vontade; e banana, e tudo de bom que se pudesse imaginar. O homem então explicou que podíamos viver no Brasil, a ICA nos levaria para lá, nos daria terra, ferramentas agrícolas, gado, sementes, escola para as crianças, médico, enfim, todo o apoio necessário.

Como o senhor pode imaginar, doutor, aquele anúncio causou um verdadeiro reboiço na aldeia. Muitos não acreditavam na história, achavam que era mais uma promessa mirabolante. Outros, pelo contrário, viam na América a solução de nossos problemas. Minha mãe era das mais entusiasmadas; queria que partíssemos imediatamente, a Rússia é um inferno, dizia, o Brasil é um paraíso.

Meu pai pensava diferente. Sim, as coisas eram difíceis na Rússia, mas quem garantia que em outras terras viveríamos melhor? No shtetl éramos pobres, mas pelo menos ele tinha uma profissão, podia alimentar, ainda que mal, a família. Além disso, aquela era a nossa terra; verdade, os judeus eram maltratados e perseguidos na Rússia, mas a aldeia era o nosso lar, precário e perigoso lar, mas lar, de qualquer forma.

Havia um outro problema do qual não falava, mas que eu, apesar de criança, adivinhava. Se ele partisse, quem consertaria os sapatos do conde, as suas belas botas? Que outro sapateiro se entregaria a essa tarefa com a mesma dedicação, com o mesmo amor? Era fiel ao conde Alexei, meu pai. E por isso vacilava, o que era causa de muita briga. Minha mãe, ressentida, achava que acabaríamos pagando o preço de tal vacilação. Quando você finalmente se resolver, dizia, será tarde demais.